

Magnífica Reitora, Professora Doutora Isabel Gil

Senhor Diretor do Conselho Estratégico, Dr. Pedro Norton,

Senhora Diretora do Estoril Political Forum, Dra. Rita Brito.

Estimado Sr. Diretor do Instituto, Professor Doutor João Carlos Espada,

Estive a fazer contas enquanto preparava estas notas que aqui vos dirijo. Em 26 edições do Estoril Political Fórum é a minha oitava presença neste encontro.

Tenho 30% de percentagem de participação e estive sempre aqui como presidente da Câmara Municipal de Cascais.

Isto não deixa de representar uma óbvia manifestação dos méritos da predisposição conservadora.

O IEP conservou a excelente tradição de se reunir no Estoril.

E o eleitorado tem conservado o hábito de me eleger. Diria, modestamente, um bom hábito.

Volto por isso ao vosso convívio com o maior prazer e interesse.

O ano passado dedicamos esta primeira sessão a recordar um dos titãs da democracia portuguesa: Mário Soares.

O encontro de 2018 começa com uma evocação do embaixador Frank Carlucci. Como já lembrou noutros lugares o Professor João Carlos Espada, parte do caminho para a transição democrática em Portugal fez-se da sociedade entre Soares e Carlucci e, por essa via, do apoio dos Estados Unidos a Portugal num período conturbado da sua história.

Tal como no verão de 1974 em Portugal, também hoje as ideias liberais se encontram entrincheiradas e sob ataque cerrado em muitas latitudes.

Cinco grandes fatores têm contribuído para esse recuo do liberalismo que suporta as ideias políticas moderadas e é a trave mestra do Estado de Direito.

**Primeiro fator, o retrocesso da globalização.** A globalização foi o grande elevador social do mundo. Em 99% da história, a humanidade viveu com menos meios, com menos conforto e com menos conhecimento do que aquele que conhecemos hoje. A globalização mudou isso.

A população que vive na pobreza extrema caiu de 84% em 1800 para menos de 10% nos nossos dias. Mas não falta quem, montado em projetos políticos nacionalistas, queira lançar guerras tarifárias que agravarão a desigualdade e a injustiça em vez de as mitigar.

**Segundo fator: a crise reputacional da ideia de mercado.** As crises financeiras que eclodiram em 2007 ensinaram-nos que na ausência de regulação moral o capitalismo precisa de regulação legal.

Muito está ainda por fazer e, como várias vozes respeitadas têm avisado, não estamos a salvo de novas crises com catastróficas consequências sociais.

As forças anti-liberais aproveitaram a crise “dos mercados” para lançar os anátemas sobre a ideia de mercado livre, fazendo avançar a sua agenda estatizante.

**O terceiro fator que tem fomentado o recuo do liberalismo** é o progressivo regresso do unilateralismo à política externa americana.

Os EUA, como farol de direitos e de liberdade, costumavam liderar pelo exemplo. Independentemente das convicções de cada um, e sem qualquer consideração de valor sobre a atual Administração, é hoje evidente que a legitimidade americana está ferida. O ataque às instituições multilaterais, por maior que seja a sua necessidade de reforma, dá-nos uma imagem pouco brilhante sobre o futuro.

#### **Quarto fator liga-se à quarta revolução industrial.**

A hiper-conectividade coloca desafios tremendos à privacidade e a liberdade individual dos cidadãos.

Mais do que isso: a contemplação tecnológica tem tido impacto profundo nas relações entre os homens e, conseqüentemente, nos sistemas políticos.

Nunca estivemos tão ligados e, simultaneamente, tão longe uns dos outros; nunca tivemos tanta informação mas nunca fomos tão avessos ao espírito curioso; nunca conhecemos tantos lugares do mundo mas nunca fomos tão intolerantes com a diferença.

**Quinto e último fator, e talvez o mais decisivo, é a vaga antidemocrática** a que temos assistido um pouco por todo o lado.

A crise do governo representativo é real.

De um lado, temos as autocracias que, legitimadas por resultados económicos pujantes, assaltam margens crescentes das liberdades individuais.

Do outro, temos sociedades ocidentais fraturadas pelos debates sobre a imigração, vítimas da hiperbolização da desigualdade e envenenadas por um debate público (será que ainda podemos chamar-lhe assim?) assente em ignorância massificada pelas redes sociais.

A crise democrática nas nossas sociedades é ainda mais profunda quando há uma guerra de extremos que enfraqueceu o centro e expôs a jugular da democracia aos seus inimigos.

Opening Speech: Estoril Political Forum

Carlos Carreiras | Presidente da Câmara de Cascais | 25 de Junho de 2017

A extrema-esquerda comanda hoje a esquerda moderada na conhecida “agenda dos direitos.” Em muitos casos, essa agenda mais não é mais do que um assalto a todos os representantes da ordem e da tradição. Sejam eles as instituições democráticas, a Igreja ou a família.

A vaga contra revolucionária também não tem primado pela moderação e pelo civismo.

Tudo isto tem acentuado a falta de cultura de compromisso, bem matizada na pulverização eleitoral que vemos por todo o lado, e na narrativa dominante de “povo” contra “elites” que consome o regime representativo.

O espaço político central, sobre o qual se construíram os projetos de paz e prosperidade na Europa, parece irremediavelmente perdido.

Não quero ser demasiado pessimista. Até porque não sendo um otimista irritante, sou um otimista militante.

Sei que temos à nossa frente a hipótese de fazer as coisas bem-feitas.

Quero lembrar todos os que aqui estão, em especial os alunos mais jovens, que há mais de 70 anos - quando a Europa estava mergulhada na escuridão da guerra – este foi um dos lugares que serviu de abrigo para que as forças aliadas e milhares de refugiados moldassem o futuro de paz e prosperidade no Ocidente.

Talvez por estarmos voltados ao Atlântico de liberdade, talvez por termos essa mundividência inscrita no nosso ADN, sabemos que nenhum desafio é inultrapassável. Nenhum problema é grande demais.

Porque o somatório de pequenas e múltiplas ações locais estará sempre destinado a provocar mudanças globais.

À nossa escala de pouco mais de 210 mil habitantes, trabalhamos diariamente para provar que não há melhores alternativas à democracia.

Independentemente do que nos afasta, sei que é esse o elo inquebrável que une Cascais a cada um dos alunos e professores que estão nesta sala.

A reinvenção democrática, a redemocratização da democracia, é uma tarefa que temos entre mãos.

Tarefa para a qual sei que posso contar com as vossas ideias e com a vossa audácia.

Sejam sempre bem-vindos a Cascais.